

Escândalo põe Passarinho na corrida sucessória, mas malufistas resistem

Vera Ramos

Se a Comissão de Inquérito conseguir mesmo punir os responsáveis pelas irregularidades na elaboração do Orçamento, tudo indica que o Brasil vai chegar de cara nova às próximas eleições parlamentares e presidencial. Confirmadas as denúncias do ex-assessor José Carlos Alves dos Santos, mais de uma dezena de parlamentares implicados pode perder seus mandatos e ser afastados da vida pública por um período de oito anos.

Indicado para presidir essa CPI por sua experiência política e seu passado ilibado, o senador Jarbas Passarinho (PPR-PA) está com sua estrela em ascensão num

momento em que o Legislativo enfrenta uma forte onda de descrédito popular. Não será surpresa se determinados setores da sociedade, entre eles os militares, começarem a apoiar o nome do coronel reformado como candidato à sucessão do presidente Itamar Franco.

Oposição interna — Ainda que o senador paraense se veja apontado como uma alternativa para o eleitor saturado de CPIs, Passarinho deverá enfrentar uma ferrenha oposição dentro de seu próprio partido. A julgar pela disposição manifestada por algumas figuras notórias do PPR, a legenda continua fiel à candidatura do ex-governador Paulo Maluf, presidente de honra do partido e

atual prefeito de São Paulo.

Para os articuladores de campanha do partido, com uma base eleitoral de quatro milhões de votos, os que apostam em Paulo Maluf não pretendem abrir mão de sua participação nas próximas eleições. Argumentam que, ainda que Jarbas Passarinho venha a entrar para a história do País como o político que presidiu a CPI que depurou o Congresso de suas mazelas, Maluf tem o apoio do empresariado e das forças de elite nacionais.

Segundo o deputado Roberto Campos (PPR-RJ), ex-ministro da Fazenda, "o problema de Passarinho é que ele é um político regional, sem o prestígio nacional de Maluf".